

A concepção semiótica da retórica e a formação do tropo religioso

*Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa*¹

Resumo

Este artigo visa a discutir os principais preceitos que envolvem a compreensão semiótica da retórica, tal como ela foi formulada pelo semiótico Iuri Lótman, situando-a no contexto mais amplo da obra do autor. Com isso, objetiva-se elucidar o espaço semiótico de relações que envolve as práticas retóricas, como também indicar as possibilidades de estudo que tal perspectiva coloca para o entendimento dos mais variados textos culturais, em especial os religiosos. Para isso, buscaremos explicitar a constituição do tropo retórico num texto cultural muito específico: a cerimônia realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, localizada no Pelourinho, em Salvador.

Palavras-chave: Retórica. Semiosfera. Tropo. Memória

The semiotic conception of the rethoric and the formation of the religious trope

Abstract

This article aims to discuss the main precepts involved in the semiotics understanding of rhetoric as formulated by the semiotician Iuri Lótman, within the broader context of the author's work. By doing so, the goal is to elucidate the semiotic space of relationships involving rhetorical practices, as well as to indicate the possibilities of study that places such a perspective to the understanding of various cultural texts, in particular, the religious one. For this purpose, we will clarify the constitution of the rhetorical trope in a very specific cultural text: the ceremony held in the Church of Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, in Pelourinho, Salvador.

Keywords: Rhetoric. Semiosphere. Trope. Memory

1 Graduada em Comunicação Social pela Unesp, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e pós-doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Cecult) da UFRB. E-mail: regianemo@uol.com.br. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/7680536312079803>>.

La concepción semiótica de la retórica y la formación del “tropo” religioso

Resumen

Este artículo discute los principales preceptos involucrados en la comprensión semiótica de la retórica, formulada por el semioticista Iuri Lótman, situándola en el contexto más amplio de la obra del autor. Eso con el objetivo de elucidar el espacio semiótico de relaciones que involucran prácticas retóricas; también indicar las posibilidades de estudio que tal perspectiva propone para la comprensión de los más variados textos culturales, en especial, los religiosos. Para eso se busca explicitar la constitución del “tropo” retórico en un texto cultural muy específico: la ceremonia realizada en la Iglesia “Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos”, localizada en el Pelourinho, en Salvador.

Palabras clave: Retórica. Semiósfera. Tropo. Memoria

Introdução

Historicamente, a retórica quase sempre foi concebida no sentido mais geral de uma “arte”, ou, ainda, de uma técnica voltada a orientar o exercício argumentativo verbal, seja oral, seja escrito, com o intuito de persuadir um ou mais interlocutores de dada ideia. Assim entendida, coube à *technè retorikè* estabelecer uma sistematização para o processo construtivo do discurso, do qual decorre a divisão do sistema retórico em cinco partes: a *inventio*, responsável pela seleção dos argumentos com base naquilo que é verossímil a determinado auditório; a *dispositio*, que prevê a disposição lógica das partes constitutivas dos enunciados; a *elocutio*, relativa à escolha das palavras mais adequadas com o objetivo de tornar o discurso “correto” e “agradável”; a *actio*, referente à *performance*; e a *memória*, concernente à capacidade mnemônica do orador.

De acordo com Barthes (2001, p. 49), as duas últimas partes foram paulatinamente obliteradas à medida que o objeto de estudo da retórica deixou de ser unicamente o discurso oral e passou a centrar-se essencialmente no verbal escrito. Ainda segundo o autor (2001, p. 49), a caracterização como *technè* fez com que, ao longo da história, fosse imputado à retórica um funcionamento quase “maquímico”, de modo que qualquer ideia seria passível de ser modelada e transformada num discurso coeso e aprazível, desde que fossem seguidos os preceitos estabelecidos por cada uma das partes constitutivas da técnica.

Além de Barthes, não foram poucos os autores (ECO, 1971; PERELMAN, 2004, 2005; REBOUL, 2004) que igualmente reconheceram o viés prescritivo que a retórica adquiriu historicamente. Em parte, isso justifica por que ela alterna momentos de destaque, renascimento e decadência. Ao se constituir por um receituário de fórmulas prontas, passíveis de ser me-

ramente aplicadas, a retórica torna-se uma ciência estéril que, até mesmo, esvazia a própria complexidade que envolve o devir das práticas suasórias. Por outro lado, quando busca apreender a complexidade implicada nessas práticas e sua relação com diferentes esferas culturais, novas possibilidades de compreensão são passíveis de ser formuladas.

O semioticista Iuri Lótman, um dos principais representantes da Escola de Tártu-Moscou, também não se furtou a esse debate. Embora poucos tenham sido os textos em que o autor se dedicou ao tema, isso não compromete a profundidade das questões que apresentou sobre a importância da retórica para entender o funcionamento dos textos na cultura. Para ele, a retórica não se circunscreve unicamente a uma técnica, tampouco seu objeto se limita a ser tão somente o discurso verbal, seja oral, seja escrito. Essa compreensão do semioticista retoma a concepção de retórica como metalinguagem (BARTHES, 2001, p. 5), e por essa razão reconhece que o seu estudo abarca a correlação entre a linguagem objeto e a metalinguagem propriamente dita ou, ainda, entre as práticas suasórias e a retórica que visa a apreendê-las. Como a primeira está sempre em transformação, logo, não há como sua metalinguagem manter-se inalterável.

Isso pode ser constatado quando o autor indica que a retórica abrange tanto o estudo do “texto aberto” (LOTMAN, 1996, p. 119), voltado ao entendimento do processo de geração de novas mensagens na cultura, quanto o do “texto fechado”, cujo foco é a caracterização poética do arranjo sígnico. Ao situar o processo de geração de novos textos como um dos focos da abordagem retórica (ou seja: o devir da sua linguagem-objeto), Lótman insere a discussão na mesma linha de raciocínio que pautou toda a sua obra, isto é, a perspectiva epistemológica de estudo da cultura vinculada à semi-esfera. Portanto, qualquer tentativa de entendimento da retórica definida por Lótman deve, necessariamente, circunscrevê-la no âmbito do espaço de relações edificado entre diferentes sistemas culturais.

Assim, neste artigo, buscaremos apontar os mecanismos que envolvem tal abordagem retórica, situando-a no contexto mais amplo da obra do autor. Com isso, objetivamos elucidar a maneira pela qual as práticas retóricas são construídas por meio das relações estabelecidas entre diferentes sistemas culturais, como também indicar as possibilidades de estudo que tal perspectiva coloca para o entendimento da ação exercida pelos mais variados textos que constroem o devir da cultura.

Para elucidar esse processo, tomaremos por base um texto cultural muito específico: a cerimônia que ocorre todas as terças e domingos na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, localizada no Pelourinho, em Salvador. Tal escolha, por sua vez, não foi aleatória. Ela se deve, essen-

cialmente, a dois fatores: primeiro, o objeto vai ao encontro da própria compreensão de Lótmán acerca do viés retórico que envolve o funcionamento dos textos culturais relacionados aos sistemas religiosos (ainda que eles não sejam os únicos); segundo, essa cerimônia distingue-se, fundamentalmente, pela heterogeneidade sógnica, resultante do diálogo edificado entre o catolicismo e o candomblé, do qual decorre a colisão de linguagens e sentidos absolutamente diversos. Desse modo, seguiremos um percurso analítico que vai de um enfoque mais abrangente a outro mais específico para examinar tanto as bases que alicerçam a compreensão semiótica da retórica quanto os mecanismos que envolvem a constituição e a ação exercida pelos textos retoricamente articulados na cultura.

A dimensão sistêmica do tropo

A semiosfera envolve o espaço de relações edificado pela correlação estabelecida entre os mais variados sistemas que constroem e geram o devir da cultura. Para os semioticistas (1978), todo sistema modelizante é também um sistema de linguagem em constante devir. No âmbito do pensamento semiótico, modelizar implica lidar com a construção de modelos dinâmicos gerados por meio das trocas que os sistemas estabelecem entre si. É por meio desse movimento ininterrupto que se torna possível apreender o “princípio poliglota” (LOTMAN, 1996, p. 78) que distingue a cultura, capaz de conferir estruturalidade às linguagens.

Os textos culturais são fruto dos intercâmbios que os sistemas estabelecem entre si. É na materialidade dessas mensagens que se pode captar a contínua ressignificação das linguagens que compõem a cultura. Por isso, a dupla codificação encontra-se na base do conceito de texto, o que também permite vislumbrar a razão pela qual todo texto se caracteriza pela heterogeneidade semiótica, dada a diversidade de códigos que o inscrevem.

Como a semiosfera supõe o *continuum* semiótico resultante das trocas instituídas entre as mais variadas esferas sógnicas, logo, ela não pode ser entendida como a mera soma de textos, códigos e sistemas. São as relações instituídas entre diferentes formações sógnicas que redefinem, continuamente, o espaço semiótico. É por isso que a fronteira (LOTMAN, 1990, p. 136) consiste num mecanismo essencial para o funcionamento da semiosfera, pois, por meio dela, é possível identificar o processo tradutório entre distintas esferas, como também o que se altera e o que persiste no âmbito das linguagens e dos códigos colocados em relação.

Nota-se, assim, que a semiosfera jamais poderia constituir-se num *a priori* que determina, de antemão, uma regularidade para as relações que os sistemas estabelecem entre si e para a geração de novos textos. Dessa forma, falar

da perspectiva epistemológica de estudo da cultura vinculada à semiosfera requer considerar não apenas o contínuo devir dos signos, mas, sobretudo, a relação que uma esfera estabelece com outra, de modo que uma linguagem, um código ou um texto cultural nunca poderiam ser estudados isoladamente, sem que fossem considerados os vínculos que eles estabelecem com outros extratos da cultura.

É esse raciocínio que nos permite apreender a razão pela qual Lótman situa seu estudo da retórica no âmbito da poética. Antes de tudo, cumpre ressaltar que tal correlação é recorrente dentre os estudiosos sobre o tema, dada a importância que a *elocutio* e o estudo das “figuras” e/ou tropos, em especial a metáfora e a metonímia, adquiriram no âmbito da retórica. Porém, o ponto de vista colocado pelo semiótico não se confunde com a compreensão corrente acerca das “figuras”.

Segundo Barthes (2001, p. 94-95), desde a Antiguidade a compreensão das “figuras”/tropos envolve a crença na existência de dois planos de linguagem: um próprio, relativo ao significado primariamente atribuído a uma palavra, e outro figurado, referente à substituição de uma unidade semântica por outra. Com isso, as palavras seriam “*transportadas*”, “*desviadas*”, “*afastadas*” para longe do seu habitat normal, familiar (BARTHES, 2001, p. 95), adquirindo assim novos significados. Por sua vez, tais “desvios” seriam objeto de estudo de uma parte muito específica da *elocutio*, a *electio*.

Como, para Lótman, o texto não se restringe apenas ao verbal, logo, sua poética jamais poderia reportar-se apenas à palavra. Em consequência, tais “desvios” não podem ser entendidos pela simples troca de um sema por outro, circunscrita ao campo de uma única linguagem, mas devem ser pensados no âmbito dos processos tradutórios firmados entre diferentes sistemas culturais. Para o autor, o caráter retórico-semiótico de qualquer texto cultural tende a tornar-se mais acentuado quanto mais ele se constitui por meio da “intraduzibilidade” estabelecida entre diferentes sistemas. Longe de ser entendida pela mera impossibilidade de criação de vínculos, tal “intraduzibilidade” reporta-se aos processos tradutórios pautados pela ausência de “algún algoritmo dado de antemano a partir de algún otro mensaje” (LOTMAN, 1996, p. 65) que permita determinar, previamente, um parâmetro para a translação entre um sistema e outro. Com isso, são estabelecidas equivalências entre os traços distintivos de diferentes códigos, de modo que algumas alternativas são “selecionadas” em detrimento de outras. Em consequência, há a edificação de um arranjo textual absolutamente inusitado.

São esses processos de “intraduzibilidade” que, segundo Lótman, caracterizam a constituição do tropo. Para ele, o tropo nasce, necessariamente, da junção entre linguagens “esencialmente imposibles de yustaponer”

(LOTMAN, 1996, p. 129), da mesma forma que coloca em interação universos semânticos completamente diversos que, fora de uma “situación retórica” (LOTMAN, 1996, p. 131), nunca poderiam ser postos em relação. Em outras palavras, não há como considerar a formação do tropo fora do espaço de relações continuamente construído pelas trocas instituídas entre diferentes sistemas de linguagens.

É por isso que, pelo viés da semiosfera, o tropo, sob nenhuma condição, poderia ser considerado um mero ornamento sobreposto à linguagem, realizado com o objetivo de torná-la mais aprazível. Para Lótman, o tropo constitui a própria “esencia del pensamiento creador” (LOTMAN, 1996, p. 121), responsável pela criação de textos essencialmente inusitados. E, tendo em vista o papel que exerce no dinamismo da cultura, sua ação não pode restringir-se unicamente ao âmbito da palavra, uma vez que qualquer sistema modelizante pode apresentar uma ordenação retórica singular.

Para corroborar esse ponto de vista, Lótman (1996, p. 123) cita os estudos realizados por Roman Jakobson acerca da função cultural desempenhada pela metáfora e pela metonímia, visto que, segundo o linguista, uma e outra também exercem importante função matricial em distintos sistemas culturais, tais como o cinema e a pintura. Desse modo, pode-se dizer que o objetivo do tropo

no consiste en decir con ayuda de una determinada sustitución semántica lo que también se puede decir sin su ayuda, sino en expresar un contenido tal, en transmitir una información tal, que no puede ser transmitida de otro modo. En ambos casos (tanto en el de la metáfora como en el de la metonimia), entre el significado recto y el traslaticio no existe una relación de correspondencia recíprocamente unívoca, sino que se establece solamente una equivalencia aproximada. (LOTMAN, 1996, p.126)

Tal funcionamento ainda pode ser mais bem explicitado quando se considera que o tropo consiste igualmente numa analogia, cuja ação não pode prescindir do espaço semiótico. Toda analogia é uma “síntese”, resultante da relação estabelecida entre, no mínimo, duas esferas culturais, já que ela pressupõe a combinação entre imagens, muitas vezes, absolutamente díspares, de modo a “fazer que a parte de uma coexista com a parte de outra e de perceber, voluntariamente ou não, a ligação de suas estruturas” (VALÉRY, 1998, p. 23). Por meio dessa definição, nota-se que, no processo de “variar as imagens”, é possível apreender não apenas a diversidade e/ou “intraduzibilidade” daquilo que foi diretamente relacionado na constituição do tropo e, sobretudo, daquilo que não foi aproximado, uma vez que, num texto retórico, a diversidade constitutiva dos sistemas colocados em conexão não pode ser desconsiderada do espaço de relações edificado pelo novo arranjo signico.

Além do mais, como apenas uma qualidade daquilo que foi posto em relação se encontra materializada no texto analógico, este não é passível de originar uma explicação precisa sobre algo, visto que nada afirma a respeito de determinado objeto. Por isso, uma das formas de apreender o devir da analogia seria por meio daquilo que Valéry denominou como “lógica da continuidade” (1998, p. 43), ou seja, a capacidade de uma analogia para gerar outra analogia, que gera outra e, assim, sucessivamente. Como um texto assim organizado é refratário a uma decomposição em unidades discretas, a interação que se estabelece entre uma analogia e outra não se reduz a elementos simples, porque, entre elas, se instala um *continuum* ininterrupto. Desse modo, nesse processo, “a constatação é antes de tudo experimentada, quase sem pensamento” (VALÉRY, 1998, p. 33), e, portanto, tal apreensão é imune a um caráter identitário que lhe possa ser atribuído com o fim de afirmar, de forma taxativa, o significado de uma analogia.

É justamente esse *continuum* que evidencia a “plurivocalidade semântica” a qual distingue o funcionamento dos textos retóricos na cultura e a ação que eles exercem nela. Dessa forma, o espaço de relações que o tropo é capaz de articular explícita de que maneira os sentidos são fabricados pelas relações edificadas entre diferentes esferas da cultura. Afinal, como Lótman afirma, isoladamente, um texto nada é capaz de produzir (1996, p. 71).

Ainda que a compreensão da retórica pelo semioticista tenha como foco a poética – e não, propriamente, a questão relativa à argumentação –, é possível levantar algumas suposições quanto às possibilidades de entendimento do processo suasório quando visto pelo viés do espaço semiótico e do *continuum* edificado pelo tropo. Para tal, novamente, é preciso retomar o contexto mais amplo da obra do autor.

Levando-se em conta o caráter não antropocêntrico que caracteriza o ponto de vista semiótico, Lótman indica que a cultura é “dotada” de um intelecto próprio, e, como nenhuma forma de pensamento é autossuficiente, apenas pelo intercâmbio entre diferentes esferas a inteligência se manifesta como tal. Para explicitar esse processo, Lótman (1996, p. 45) toma por base o funcionamento da consciência habitual humana, pelo qual se observa a correlação de duas tendências completamente opostas e contrárias, delimitadas pelas linguagens distintas dos dois hemisférios que compõem o cérebro humano. O hemisfério esquerdo tende a priorizar as relações lineares, lógicas e racionais, pautadas essencialmente pela sensibilidade ao visual; o direito, por sua vez, distingue-se pela sensibilidade ao acústico e pela dimensão integradora vinculada a ele.

Longe de serem estáveis e regulares, os intercâmbios entre os dois são continuamente redefinidos, de modo que a atividade simultânea de ambos

pode originar uma inibição recíproca, geradora, por sua vez, de uma “cierta regularidad de la consciencia” (LOTMAN, 1996, p. 48), e, por outro lado, a “desconexão” momentânea, em conjunto com o trabalho intenso da linguagem de um dos hemisférios, tende a favorecer e incitar a ação da outra parte.

Em virtude da dupla codificação, o texto cultural é entendido como um importante dispositivo pensante (LOTMAN, 1998, p. 15), pelo qual se pode apreender a ação inteligente da cultura, capaz de traduzir informação em linguagem. É esse processo que nos permite vislumbrar por que, para Lótman, a linguagem não se limita a ser um mero “canal” de transporte ou uma representação de algo distinto dela própria, uma vez que é por meio dos signos que os diferentes sistemas que formam a cultura ganham materialidade. Além disso, como dá corpo a uma ação intelectual, todo texto cultural envolve, necessariamente, uma dimensão cognitiva, edificada pelas relações comunicativas e pelo *continuum* que o arranjo sígnico, intrinsecamente, é capaz de suscitar.

No âmbito do tropo, nota-se que ele tende a incitar uma modalidade de raciocínio muito singular, pautada, essencialmente, pela similitude estabelecida entre diferentes formas de ordenação, capaz de fazer surgir a elaboração de inferências sobre a constituição de novas possibilidades vinculativas. Nesse caso, opera-se em conformidade com o raciocínio abdutivo, tal como ele foi definido por Charles Sanders Peirce. Por meio desse raciocínio, é possível apenas formular hipóteses acerca de dada questão, suscitadas por meio de situações em que

nos deparamos com uma circunstância curiosa, capaz de ser explicada pela suposição de que se trata de caso particular de certa regra geral, adotando-se, em função disso, a suposição. Ou quando verificamos que sob certos aspectos dois objetos mostram forte semelhança e inferimos que se assemelham fortemente um ao outro sob aspectos diversos. (PEIRCE, 1975, p. 150)

Como bem apontam Machado (2011) e Perelman (2004), não há como dissociar raciocínio e argumentação, uma vez que todo argumento está amparado numa forma específica de pensamento. E, da mesma forma que os juízos podem adquirir diferentes configurações, o mesmo é válido para os argumentos. Segundo Peirce (1975, p. 151), a hipótese consiste num “tipo fraco de argumento”, extremamente falível e, conseqüentemente, incapaz de conduzir o juízo a uma conclusão. Porém, pode-se dizer que é justamente na imprecisão que reside o vigor do raciocínio abdutivo, uma vez que ele não toma por base crenças consolidadas, mas dúvidas que servem de ponto de partida para verificações e experimentações posteriores.

Por sua vez, Perelman (2005, p. 424) sustenta que o valor argumentativo da analogia reside justamente na similitude estabelecida não apenas entre objetos, mas nas relações edificadas entre diferentes estruturalidades. Isso delega ao argumento analógico a força probatória que justifica a razão de ser de uma hipótese, formulada com base em diferentes fenômenos que mantêm, entre si, algum traço em comum.

Dessa forma, o tropo seria capaz de salientar o caráter intelectual e responsivo que envolve o exercício argumentativo calcado na elaboração de suposições, sobretudo se considerarmos que o efeito retórico de um texto não se circunscreve apenas à persuasão, mas “pode ser hermenêutico, poético ou cognitivo”, da mesma forma que pode advir da “interação dialética entre o grau percebido e o conjunto difuso chamado de grau concebido” (KLINKENBERG, 2003, p. 207) que, por sua vez, distingue a “plurivocalidade semântica” da analogia. Nesse sentido, a dimensão cognitiva e intelectual do tropo e da analogia, caracterizada pelo raciocínio abduutivo, também envolve uma esfera argumentativa, provocada pelo exercício relacional e responsivo, decorrente da necessidade de perceber a “intraduzibilidade” estabelecida entre diferentes sistemas.

Tal exercício retórico também foi reconhecido por Lótmán. Ao indicar a estreita correlação da metáfora e da metonímia com o pensamento analógico, o autor ressalta o papel exercido por essa forma de raciocínio em diferentes esferas da cultura, a começar pela própria ciência. No que concerne a esse aspecto, ele assinala:

La retórica es propia de la consciencia científica en la misma medida que de la artística. En el dominio de la conciencia científica se pueden distinguir dos esferas. La primera – la retórica – es el dominio de los acercamientos, las analogías y la modelización. Es una esfera de proposición de nuevas ideas, de establecimiento de postulados e hipótesis inesperados, que antes parecían absurdos. La segunda es la esfera lógica. Aquí las ideas propuestas son sometidas a comprobación, se trabajan las conclusiones que se derivan de ellas, se eliminan las contradicciones internas en las demostraciones y razonamientos. (LOTMAN, 1996, p. 130)

Nota-se, assim, que o fazer científico não pode prescindir de diferentes espécies de raciocínio e, por consequência, de variados caminhos de construção argumentativa que se fazem necessários ao longo do processo de produção do conhecimento. Essa correlação também pode ser entendida por meio da distinção feita por Perelman (2004, p. 77) entre argumentação lógica e argumentação retórica. A primeira caracteriza-se pelo raciocínio formal, restrito ao âmbito de um sistema único e pautado por premissas

preestabelecidas, ao passo que a segunda é continuamente construída pelas relações instituídas entre diferentes instâncias, de modo que qualquer ideia é passível de ser questionada, visto que o raciocínio não parte de princípios determinados de forma invariável.

A nosso ver, a argumentação retórica explicita o tipo de argumento que tende a ser fomentado pela caracterização analógica do tropo. Afinal, da mesma forma que a constituição dessa caracterização pressupõe um intercâmbio semiótico pautado pela diversidade daquilo que foi colocado em relação, a argumentação retórica envolve incompatibilidades, divergências e ambiguidades, o que impede a constituição de uma afirmativa unívoca acerca de dada questão.

Como não se constitui numa totalidade, a analogia possibilita a realização de uma série de prolongamentos (PERELMAN, 2005) que, conforme apontamos, permitem correlacionar fenômenos absolutamente díspares entre si, mas que, de determinado aspecto, foram aproximados no texto retoricamente articulado. Com isso, potencializa-se o desenvolvimento do raciocínio essencialmente relacional e responsivo, sem o qual a argumentação retórica não se realiza. Nesse processo, o feito retórico deve ser entendido, essencialmente, pelo devir que caracteriza a lógica da continuidade, tal como define Valéry (1998).

Dessa maneira, tanto o tropo quanto a argumentação retórica vinculada a ele não podem prescindir das relações edificadas pelo espaço semiótico que, por sua vez, também inclui a ação responsiva daqueles que diretamente estão implicados nas práticas retóricas, ou seja, o auditório para o qual uma mensagem é direcionada. Lótman também possui uma compreensão muito singular desse assunto, que não escapa à abordagem semiótica. É o que veremos a seguir.

O auditório e a memória comum

Em retórica, o auditório é comumente entendido pelo conjunto de expectativas, crenças e valores vinculados ao público para o qual uma mensagem é direcionada. Essa é a base para a definição da “imagem do auditório”, ou seja, um público abstrato e ideal que recebe uma mensagem. Baseado nesse conhecimento prévio, seria possível elaborar o discurso com base naquilo que é verossímil a um grupo específico, tendo-se o objetivo de persuadi-lo. De certo modo, tal orientação indicaria por que, como afirma Aristóteles, a retórica é uma “forma de comunicação” (2012, p. XX), visto que qualquer prática suasória deve, necessariamente, ter diferentes interlocutores.

Segundo a abordagem semiótica, a ideia de auditório ganha outra caracterização. Entendê-la requer, antes de tudo, discutir a dimensão pragmática que envolve o espaço de relações edificado pelos textos culturais. Conforme

apontamos anteriormente, um arranjo sígnico somente é capaz de produzir sentidos quando entra em relação com outros textos. Para Lótman (1996, p. 98), o aspecto pragmático diz respeito, justamente, ao “elemento de fora” que é colocado em relação com o texto, que pode ser tanto outro(s) texto(s) quanto o “leitor”, também entendido como um texto.

Tal compreensão exige, mais uma vez, retomar a dimensão não antropocêntrica que caracteriza o funcionamento semiótico da cultura. Um “leitor” ultrapassa os limites de ser um mero “sujeito decodificador” que, dotado do conhecimento necessário, seria capaz de processar um conjunto de sinais com o objetivo de desvelar um significado que se encontra “escondido”. Ao contrário, ele é um ser de linguagem que, obrigatoriamente, se coloca numa relação tradutória com os textos produzidos pelos diferentes sistemas da cultura.

Essa concepção pode ser mais bem entendida se considerarmos que, em conformidade com Marshall McLuhan (2005), toda distensão tecnológica movimentada códigos que, continuamente, modelizam o sistema percepto-cognitivo humano, de modo que qualquer vínculo que alguém estabeleça com outros textos culturais já se encontrará mediado por algum tipo de linguagem. Tomemos como exemplo a escrita alfabética. Ao distender o olho, os signos gráfico-visuais tendem a potencializar formas de compreensão e raciocínio calcadas na linearidade lógico-predicativa que, invariavelmente, intervêm no modo pelo qual os indivíduos apreendem os fenômenos. Com isso, a mediação exercida pela modelização decorrente da escrita constrói a realidade textual do leitor que, impreterivelmente, sobrevém na relação tradutória estabelecida com outras modalidades de ordenação.

Esse entendimento permite redefinir aquilo que, comumente, se entende por esfera comunicativa das práticas retóricas, ou seja, uma relação simétrica edificada entre emissor e receptor na qual a “imagem do auditório” implicaria a necessária coincidência de códigos entre diferentes interlocutores. Em consequência, tal relação seria caracterizada pelo mero transporte de significados de um ponto a outro.

Todavia, o “leitor-texto” e o espaço semiótico de relações jamais poderiam pressupor um vínculo simétrico e unilateral entre diferentes esferas, em virtude da não coincidência dos códigos colocados em diálogo. Como consequência, em tempo algum, a relação comunicativa poderia restringir-se à mera transmissão “inalterável” e unívoca de significados, pois, na interação que um texto estabelece com outros, ocorrem desvios e deformações não previstos ou controláveis, dos quais irrompem sentidos absolutamente inusitados. É por isso que, para Lótman, a comunicação envolve um processo de “complicación progresiva” (1996, p. 67), uma vez que os vínculos pragmáticos entre diferentes esferas pressupõem irregularidades e tensionamentos

que fazem que “el texto del comunicado se deforma en el proceso de su desciframiento por el receptor” (LOTMAN, 1996, p. 110). Assim:

En vez de la fórmula ‘el consumidor descifra el texto’, es posible una más exacta: ‘el consumidor trata con el texto’. Entra en contactos con él. El proceso de desciframiento del texto se complica extraordinariamente, pierde su carácter de acontecimiento finito que ocurre una sola vez, tornándose más parecido a los actos, que ya conocemos, de trato semiótico de un ser humano con otra persona autónoma. (LOTMAN, 1996, p. 82)

É dessa perspectiva que o auditório deve ser entendido. Longe de ser “apenas” o público para o qual uma mensagem é simetricamente direcionada com o intuito de levá-lo a agir de determinado modo, ele se reporta a um texto no qual, segundo Lótman, é possível reconhecer a orientação para um “tipo de memória” (LOTMAN, 1996, p. 111) que é compartilhada por um grupo.

No que tange a esse ponto de vista, cumpre ressaltar que, para os teóricos da Escola de Tártu-Moscou, a memória consiste num dispositivo intrínseco aos textos e, conseqüentemente, à cultura. Além do mais, a esfera mnemônica da cultura não se circunscreve somente ao passado. Aliada a uma memória informativa, responsável por armazenar e conservar informações, os textos também são dotados de uma memória criativa, capaz de produzir novos arranjos textuais (LOTMAN, 1996, p. 158-159). Porém, tal capacidade criadora apenas se faz atuante quando a memória entra em relação com outros textos culturais, ou seja, quando o dispositivo pensante da cultura interage pelo espaço semiótico. Nessa relação, observa-se por que a diacronia que resultou na configuração de um sistema só pode ser apreendida pelo arranjo sincrônico de um texto, ou seja, no modo pelo qual ele continuamente ressignifica os signos mnemônicos.

Ao definir o auditório por meio de uma memória comum, pela qual seria possível delimitar a “imagem do auditório” ou um “leitor ideal”, Lótman acentua a mediação exercida por uma memória textual que abrange o reconhecimento do contexto mais amplo da cultura e dos textos partilhados por determinado grupo e/ou cultura que, inevitavelmente, intervêm no processo de edificação de novas mensagens. Isso permite que, mediante os vínculos pragmáticos, seja possível ao “leitor-texto” reconhecer alguns traços, ainda que mínimos, que possibilitem a elaboração do juízo abduutivo acerca do processo tradutório que resultou na constituição do novo arranjo sógnico e nos prolongamentos decorrentes desse processo. É por essa razão que, conforme apontamos anteriormente, num texto retoricamente articulado todos os textos direta ou indiretamente relacionados com a materialidade do arranjo sógnico não podem ser desconsiderados, pois também fazem parte de uma memória comum, a qual, longe de ser estanque, está sempre em expansão.

Ao mesmo tempo, a orientação a determinada memória comum permite reconhecer um tipo específico de cultura. Segundo Lótman (1979, p. 35), a cultura não pode ser entendida como uma totalidade, visto que é constituída por diferentes sistemas que se caracterizam por formas próprias de ordenação, passíveis de serem delineadas pela hierarquia dos seus códigos constituintes. Desse fato resultam ordenações sistêmicas singulares que, igualmente, possuem distintas formas de memória, reconhecíveis pela diversidade dos seus vínculos constitutivos. Tal orientação a um tipo de cultura e, por consequência, a um tipo de memória, permite vislumbrar os nexos comunicativos e pragmáticos que um texto é capaz de suscitar.

Igualmente importante é assinalar a resignificação que essa perspectiva apresenta quando a contrapomos à concepção de *memória* que, segundo enfatizamos no início deste artigo, tem sido paulatinamente obliterada do estudo da retórica. Isso ocorre porque, quando vista da perspectiva da semiosfera, a memória é entendida como uma propriedade intelectual inerente ao funcionamento dos textos culturais, em vez de subsistir “apenas” nos sujeitos envolvidos nas relações comunicativas.

Retomando a questão relativa ao tropo retórico, não há como desconsiderar de que maneira sua ordenação envolve, necessariamente, o espaço de relações edificado pela combinação entre a ação exercida pela memória comum, a cognição já modelizada por diferentes códigos culturais e os processos de “intraduzibilidade” estabelecidos entre diferentes sistemas. É a correlação entre eles que constrói a “situação retórica” a que se reporta Lótman, uma vez que é o contexto mais amplo da cultura que “oferece” as condições propícias para a edificação de textos culturais retoricamente articulados. É o que o autor dá a entender quando afirma que “existen épocas culturales orientadas enteramente o en considerable medida a los tropos, los cuales devienen un rasgo distintivo obligatorio de todo discurso artístico, y en algunos casos extremos, de todo discurso em general” (LOTMAN, 1996, p. 125). Em outras palavras, existem períodos, ou ainda, tipologias de cultura que tendem a fomentar ainda mais o encontro entre sistemas absolutamente incompatíveis, algo que, conforme já foi assinalado, caracteriza o próprio devir da cultura. Vejamos como esse processo pode ser entendido num texto cultural específico, que coloca em relação sistemas religiosos e formas de ritualidade completamente distintos entre si.

O tropo religioso

Localizada no centro do Pelourinho, na cidade de Salvador (BA), a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos é um templo católico, edificado no século XVII, mantido pela Irmandade de Nossa Senhora do

Rosário (Figura 1). Apesar de sua importância para a história do centro histórico dessa cidade, sua notoriedade deve-se também às cerimônias realizadas às terças e aos domingos. Isso decorre de um fato muito peculiar: nela, todos os cantos litúrgicos são executados ao som de atabaques, que, como é sabido, são utilizados em rituais vinculados ao candomblé (Figura 2).



Figura 1 – Fachada da Igreja de Nossa



Figura 2 – Atabaques utilizados nas cerimônias Senhora do Rosário dos Homens Pretos

Trata-se de uma singularidade que confere uma dinâmica muito própria à liturgia, uma vez que não são raros os momentos em que todos os presentes, inclusive o padre, dançam alegremente. O ápice ocorre no instante do ofertório: dezenas de mulheres (primeiro) e homens da comunidade local entram pela nave da igreja e dançam enquanto se dirigem ao altar. Os movimentos envolvem grandes cestos de pães que todos seguram pelas mãos e braços; no final da celebração, esse alimento é distribuído (Figuras 3 e 4).

Naquele contexto, a importância da procissão das oferendas pode ser detectada pela sua longa duração, sobretudo quando a comparamos ao breve período que normalmente ela ocupa numa cerimônia “tradicional”. Pode-se dizer que é justamente nesse instante que ocorre uma espécie de “transe coletivo”, em virtude da sinergia estabelecida entre a percussão dos atabaques, o ritmo dos corpos que adentram a nave e o público que assiste à cerimônia.

Não são poucas as pesquisas realizadas, sobretudo no âmbito da sociologia e da antropologia, a respeito do sincretismo religioso presente em várias

regiões do Brasil, em especial na Bahia, dada a proeminência que o estado adquiriu durante o período escravocrata. Essa condição sincrética pode ser constatada não apenas na religião, mas em várias outras esferas culturais. Por si só, ela já elucida a irrupção de uma “situação altamente retórica”, que se inclina a favorecer o encontro entre diferentes sistemas culturais. Porém, poucos foram os estudos dedicados à dimensão semiótica dos textos culturais que dão corpo a esse sincretismo.



Figura 3 – Mulher entrega cesta de pães ao padre



Figura 4 – Altar com os cestos do ofertório

Entendida como um texto cultural, a cerimônia consiste numa síntese resultante do intercâmbio estabelecido entre diferentes sistemas, a começar pelo catolicismo e pelo candomblé. Tal correlação mostra-se mais proeminente durante os cânticos, os quais ressignificam, ainda, a dimensão sónica da missa como um todo e, como consequência, ampliam os sentidos que ela é capaz de produzir na cultura.

Não há como negar o viés prescritivo que comumente rege o funcionamento dos rituais religiosos. Como enfatiza Lazzarato (2006, p.185), a palavra religiosa tende a ser extremamente autoritária, visto que exige concordância incondicional por parte dos ouvintes, excluindo, assim, a possibilidade de questionamento dos dogmas estabelecidos. Por isso, qualquer alteração num texto religioso propende a fomentar a irrupção de sentidos muitas vezes contrários aos preceitos vigentes, o que gera profundas controvérsias.

No caso em questão, tais desvios podem ser delineados quando se busca retomar os códigos que orientam a formulação dos cantos em cada um dos sistemas colocados em relação. Em especial, para o catolicismo, “cantar a uma só voz” reforça a ideia de uma vida comunitária ou união dos homens com o intuito de louvar a Deus.

Como bem enfatiza Wisnik (1989, p. 33-34), o som “cantado em uníssono” por um grupo tem o poder de transmitir a ideia de ordenação e harmonia e, consequentemente, de ausência de conflitos. Com isso, o

cântico sobrepõe-se aos ruídos desordenadores do mundo em proveito da construção de uma unidade, voltada a “adorar o senhor”. Uma vez que o som é absorvido como uma totalidade indiferenciada, ou, ainda, como uma “massa compacta” (LAZZARATO, 2006, p. 185) que ratifica a “unidade” e a crença em torno de um Deus único, logo, busca-se aplanar qualquer forma de alteridade capaz de gerar discordâncias ou questionamentos. Disso decorre o viés coercitivo exercido pelos hinos católicos.

Ainda segundo Wisnik, o canto litúrgico, cuja base está no canto gregoriano, distingue-se justamente pela supressão de qualquer tipo de ruído ou acompanhamento de instrumentos percussivos em proveito da “rítmica puramente frásica a serviço da pronúncia melodizada do texto litúrgico” (1985, p. 42). Inaugura-se, assim, o campo da chamada música tonal, cujo foco passa a ser as alturas melódicas em detrimento do ritmo e da percussão.

Desse aspecto, a música tonal contrapõe-se radicalmente à música modal, em cuja estrutura se opera, continuamente, o embate entre os ruídos presentes no mundo e os sons, na tentativa de extrair-se o “som puro” (WISNIK, 1985, p. 39) que está sempre envolto em rumores. O choque e o intercâmbio entre um e outro não são suprimidos do som, visto que é apenas na relação entre si que ambos podem delinear-se. A música modal traduz, continuamente, o exercício e a tentativa de converter o ruído em formas sonoras ordenadas, de modo que

essas músicas não poderiam deixar de ter a presença muito forte das percussões (tambores, guizos, gongos, pandeiros), que são os testemunhos mais próximos, entre todas as famílias de instrumentos, do mundo do ruído. E é também um mundo de timbres: instrumentos que são vozes e vozes que são instrumentos (vozes-tambores, vozes-flautas, vozes-guizos, vozes-gozo). (WISNIK, 1985, p. 40)

Pela perspectiva da semiótica da cultura, nota-se que tonal e modal se referem a códigos culturais completamente díspares: o foco do primeiro é o acordo e a conformidade, ao passo que o segundo traduz, continuamente, o embate e a dissensão. Assim, o reconhecimento do código tonal no canto litúrgico nos oferece alguns traços que distinguem a dimensão comunicativa de um ritual católico.

Os textos presentes nos cânticos são criados tendo em vista a função que exercem na liturgia da missa, de maneira que eles não possam contrapor-se a ela ou discorrer sobre temas que não estejam diretamente relacionados ao ritual. O cântico não pode, portanto, adquirir um destaque maior que a própria liturgia, mas deve fazer parte dela. Ainda quando o ritual prevê, unicamente, o canto, nota-se que ele se insere na narratividade litúrgica e, por isso, é apreendido como mais uma parte do culto. Para tal, traduz me-

lodicamente as frases do próprio evangelho que, em vez de serem ditas pelo sacerdote, são pronunciadas em uníssono.

Além do mais, durante uma celebração, o cântico tem a clara função de criar um ambiente propício para a oração e o recolhimento, tal como acontece no momento da eucaristia. Não é por acaso que os cantos não costumam ser acompanhados de instrumentos musicais e, quando o são, utiliza-se o violão ou um teclado como forma de “indicar” a sucessão rítmica que deve ser seguida por todos ou para delimitar o início e o término do hino. Afinal, o ritmo gerado por instrumentos musicais não pode sobrepor-se à letra e à altura melódica, em razão das funções que exercem na totalidade da liturgia.

Levando-se em conta os papéis que o código tonal desempenha na liturgia e nos hinos católicos, não há como deixar de lado a ressignificação gerada quando esses mesmos cânticos são entoados ao som de atabaques, isto é, quando o código modal passa a ser dominante, tal como ocorre na cerimônia da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Não se trata de considerar a inclusão de instrumentos de percussão um mero adorno com o intuito de tornar a cerimônia mais “atraente” aos olhos do público. Ainda que o ritual cumpra o mesmo roteiro presente em qualquer igreja católica, sua configuração signica e os efeitos de sentidos que produz são completamente distintos quando comparados a uma missa “tradicional”.

No candomblé, os atabaques têm a função central de chamar os orixás que, depois, são induzidos a dançar suas canções típicas. Se levarmos em conta que, conforme afirma Wisnik (1985, p. 40), a percussão faz parte do “mundo dos ruídos”, logo, nota-se como esse chamamento é feito por intermédio dos rumores que estão no mundo, ao contrário do “elevantar-se a Deus” promovido pela unidade do canto litúrgico. Nesse caso, efetua-se uma profunda inversão, pois, em vez de o homem “dirigir-se a Deus” por meio do canto uníssono e melódico, é Deus que deve “baixar” por meio do ruído.

Também não há como pensar o código modal dissociado da *performance* corporal. Como bem afirma Tatit (2004, p. 19-20), a relação entre percussão, oralidade e corpo encontra-se na base de constituição do ritual religioso brasileiro, dada a importância étnica que os negros e seus rituais exerceram e ainda exercem na sonoridade do país. Mais que isso: a sinergia existente entre o pulso sonoro característico da percussão com os próprios sons do corpo humano elucidam o envolvimento sensorial que é potencializado pela música modal, uma vez que ela fala diretamente ao corpo. Nesse mecanismo, nota-se, igualmente, a ação modelizante exercida pelo código modal, capaz de estabelecer novas estruturalidades na cultura. Logo, não há como o corpo manter-se indiferente ao ritmo, ao contrário do que acontece com o tonal, que exclui quase por completo qualquer forma de ação sensorial.

É justamente por meio dos traços completamente díspares que compõem o código tonal e o modal que podemos apreender a formação do tropo retórico na referida cerimônia. Nela, observa-se o intercâmbio de esferas que desempenham funções completamente distintas, de modo que a “intraduzibilidade” entre elas resulta na edificação de um texto retoricamente articulado, capaz de introduzir novos sentidos ou de promover a “indefinição semântica” (LOTMAN, 1996, p. 129), sobretudo no sistema católico.

Ao promover o encontro entre diferentes sistemas, verifica-se, ainda, como o texto em questão aciona uma memória comum característica de um tipo de ordenação em que a religiosidade africana e a ancestralidade do código modal são muito presentes. Além do mais, tendo em vista a posição que os “espectadores” ocupam na cerimônia, uma vez que eles também são coautores dela, a memória comum deixa de mostrar-se implicitamente para colocar-se como um “elemento artístico significativo” (LOTMAN, 1996, p. 114), já que o “leitor-texto” constitui parte atuante do próprio arranjo textual.

Considerações finais

Ao indicar os principais aspectos que distinguem a retórica formulada por Lótman, buscamos apontar as possibilidades de estudo que se abrem para a compreensão dos mais variados sistemas da cultura, a começar pelos religiosos. Para tal, conforme enfatizamos ao longo de todo este artigo, não se pode desconsiderar a perspectiva epistemológica de estudo da cultura colocada pela semiosfera, o que exige, impreterivelmente, o estudo de um sistema em relação com outros.

Com isso, é possível apreender de que maneira se opera a contínua ressignificação dos sistemas culturais, a edificação de novos textos culturais e, conseqüentemente, a irrupção de novos sentidos na cultura, muitas vezes não previsíveis. A abordagem retórica proposta por Lótman tende a elucidar como tais encontros constituem um processo vital para o devir dos sistemas, visto que introduz “el grado de indefinição” (LOTMAN, 1996, p. 129) de que eles tanto necessitam para se expandirem continuamente. Dessa forma, é possível entender por que, para os semioticistas da cultura, a retórica está na base da cultura, sem a qual ela pereceria.

Referências

- ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BARTES, R. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ECO, U. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1971.

- KLINKENBERG, J. M. A figura retórica pode desempenhar um papel argumentativo? **Revista Significação** – Revista Brasileira de Semiótica, n.19, jul. 2003, p. 199-222.
- LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. A política do império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.
- _____. **Cultura y explosión**. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Barcelona: Gedisa, 1993.
- _____. **La Semiosfera I**. Semiótica de la Cultura e del Texto. Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.
- _____. **La Semiosfera II**. Semiótica de la Cultura, del Texto, de la Conducta y del Espacio. Madrid: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València, 1998.
- _____. **La Semiosfera III**. Semiótica de las Artes y de la Cultura. Madrid: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València, 2000.
- _____. **Universe of the mind**. A semiotic theory of culture. Indianapolis: Indiana University Press, 1990.
- MACHADO, I. A. **Língua entre linguagens**: a argumentação gráfica na comunicação da ciência. 263 f. Tese (Livre-Docência) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2011.
- McLUHAN, S.; STAINES, D. (Org.). **McLuhan por McLuhan**: conferências e entrevistas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- PEIRCE, C. S. **Escritos coligidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- _____. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- PERELMAN, C. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SCHNAIDERMAN, B. (Org.). **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- TATTT, L. **O século da canção**. São Paulo: Ateliê, 2004.
- VALÉRY, P. **Introdução ao Método de Leonardo Da Vinci**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- WISNIK, J. M. **O som e o sentido**. Uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- WELBURN, A. **As origens do cristianismo**. São Paulo: Best Seller, 1991.